

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Globo	3
Título: Boas indicações	3
Título: As voltas que o mundo dá.....	4
Título: Governo planeja construir entre 4 e 8 usinas nucleares no país	5
Título: Fala concisa	6
Título: Bolsonaro: Brasil fica no Acordo de Paris ‘por ora’	9
Título: Verão a seco	10
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	12
Título: Brasil ficará em acordo sobre o clima, afirma Bolsonaro	12
Título: Mourão diz que país não pode fugir da questão climática.....	13
Título: Em Davos, Bolsonaro fala em liderar pelo exemplo	14
Título: Leia a íntegra comentada do pronunciamento	16
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	21
Título: » De volta... ..	21
Título: ‘Por ora, ficamos no Acordo de Paris’, diz presidente.....	22
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	23
Título: Estreia rápida na cena mundial.....	23
Título: Seis minutos	27
Título: Se o governo for liberal, conta de luz pode cair 40%	29
Título: Brasil será o maior produtor de biodiesel do mundo	33
VEÍCULO: Valor Econômico.....	35
Título: Confiança cresce no setor de óleo e gás e indica ambiente de negócios favorável .35	
Título: Bolsonaro defende ampliar abertura comercial do país	37

Título: Discurso não entusiasma, e Nobel fala em "medo"	39
Título: 'Por ora', país vai se manter no Acordo de Paris	40
Título: Novo conselho da Petrobras terá especialista em TI.....	41
Título: Destaques	43
Título: Curtas	43
Título: Preço do aço fica sob pressão com dólar mais baixo	44
Título: BHP aprova mais US\$ 515 mi para Samarco.....	46

VEÍCULO: O Globo**Data: 23/01/2019****Seção: Colunas****Autor: Merval Pereira****Título: Boas indicações**

Criticar o discurso do presidente Jair Bolsonaro no Fórum Econômico Mundial em Davos pelo tamanho não é uma medida correta. Melhor seria dizer que o presidente brasileiro perdeu a oportunidade para se aprofundar nos temas que realmente importam ali, mas assumiu compromissos importantes, que independem de quanto tempo utilizou dos 45 minutos que tinha.

O discurso de oito minutos foi montado para incentivar os investidores estrangeiros. Falou em reformas, Previdência incluída, em abertura da economia, simplificação da burocracia para melhorar ambiente de negócios, diminuição da carga tributária, abertura para o mundo e ainda se comprometeu com preservação do meio ambiente.

A emoção revelada no início foi indevida, mas Bolsonaro é um estreante em eventos internacionais, não tem nem o carisma nem a popularidade entre os estrangeiros que tinham Fernando Henrique ou Lula. E nem é um orador-ator como seu ídolo Trump. Ao contrário, pelo escândalo de corrupção do governo Lula, e por causa de suas opiniões emitidas durante toda a vida parlamentar, como a defesa da tortura, a imagem do Brasil no exterior nunca esteve tão ruim.

Por isso, fez bem o presidente em assumir compromissos com a redução da emissão de CO2, e a preservação do meio ambiente, depois de ter mantido o Brasil, talvez a contragosto, no **Acordo de Paris sobre o Clima**. Bolsonaro também defendeu a agropecuária brasileira, o principal fator a impulsionar nossa economia, explicando que, no seu modo de ver, agricultura e meio ambiente devem estar juntos. Caberá ao presidente Bolsonaro mostrar na prática que sua tese é viável. Mas os ambientalistas temem que o agronegócio seja prioritário para o governo.

Ao se referir às reformas que pretende promover, Bolsonaro citou a da Previdência, mas foi convencido por parte de sua assessoria de que os investidores não se preocupam com os detalhes, por isso não os deu. O presidente do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab, também não pediu mais detalhes. Fez perguntas genéricas e generosas, como anfitrião do encontro. Coube a Paulo Guedes tratar do assunto em outros debates.

O presidente citou os dois ministros que são os sustentáculos de seu governo, Sergio Moro e Paulo Guedes, os que realmente contam para os investidores, um que promete garantir as relações econômicas livres de corrupção e lavagem de dinheiro, dando segurança jurídica aos investidores, e o outro com a bandeira de liberalizar a economia. O fato de Bolsonaro ter admitido que o Brasil ainda é um país fechado economicamente valoriza esses compromissos da equipe econômica. Um discurso rápido, mas com compromissos importantes. Ao reafirmar que não montou seu Ministério por pressões políticas, e que o método anterior só causou ineficiência e corrupção, o presidente Bolsonaro pode ter comprado uma briga com setores importantes do Congresso, que terá que dar a autorização para as reformas prometidas.

Bolsonaro parece se basear em sua popularidade para pressionar os congressistas, o que é arriscado. Ele pode vir a ser um líder de direita tão popular quanto Lula, mas não será nunca um formulador de projetos. E, pelo que apresentou em Davos, precisa de um ghost writer que dê aos seus discursos oficiais uma lustrada, retirando deles a excessiva carga de simplicidade, boa para campanhas eleitorais, ruim para mensagens internacionais.

Lula também não era um formulador, mas captava a mensagem com rapidez, e tinha quem no PT formulasse por ele. José Dirceu foi o grande estrategista político, Celso Amorim inventou o líder mundial capaz até de mediar a crise do Oriente Médio. Lula, como já definiu o cineasta Fernando Meirelles, é um grande ator.

Deu certo por muitos anos, e até hoje engana setores da intelectualidade brasileira e mundial. Bolsonaro, se pretende ter um papel na direita mundial, como sonha seu filho Eduardo, que o acompanhou a Davos, precisaria de um mentor com ideias menos retrógradas e rocambolescas que as do chanceler Ernesto Araújo.

Ao confirmar que o Brasil seguirá as normas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne as maiores economias do mundo, está também abrindo mão de combater a globalização, que seu chanceler chama depreciativamente de globalismo. Seria uma boa indicação. Como foi seu discurso de Davos.

VEÍCULO: O Globo

Data: 23/01/2019

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: As voltas que o mundo dá...

Evo Morales, presidente da Bolívia, faz de tudo, como se sabe, para conseguir renovar o acordo de fornecimento de gás ao Brasil, vital para a economia do país vizinho. Para isso, passa a impressão de que, a exemplo de São Pedro, seria capaz de negar três vezes seu antigo viés socialista. Mas nem sempre foi assim. Quando Morales assumiu, em 2006, disse que o acordo, que agora quer renovar, era lesivo aos interesses do seu país e ainda acionou a Justiça contra 38 pessoas que participaram da primeira negociação. Nesta lista, está Décio Oddone, na época presidente da “Petrobras Bolívia”.

SÓ QUE...

Hoje, Oddone é diretor-geral da ANP. Portanto, um personagem importante nas conversas atuais com a Bolívia.

VEÍCULO: O Globo

Data: 23/01/2019

Seção: Economia

Autor: Manoel Ventura E Ramona Ordonez

Título: Governo planeja construir entre 4 e 8 usinas nucleares no país

Intenção informada em nota pelo Ministério de Minas e Energia deve constar de plano estratégico de energia para 2030

BRASÍLIA E RIO- O governo federal pretende construir de quatro a oito usinas nucleares no Brasil. O plano foi confirmado ontem pelo Ministério de Minas e Energia, ao defender, em nota, a conclusão de Angra 3, no Rio. Atualmente, o país tem apenas duas usinas nucleares em operação — Angra 1 e 2 — que respondem por 1,2% da geração nacional de eletricidade.

"O Plano Nacional de Energia 2030 (PNE 2030) prevê a construção de quatro a oito usinas nucleares no país. Cenário que tende a ser confirmado pelo PNE 2050, publicação aguardada para breve", informa a nota da pasta.

Para o governo, a conclusão de Angra 3 é importante por trazer escala a toda a cadeia produtiva do setor, da produção de combustível à geração de energia. "Isso se torna ainda mais relevante quando se leva em conta que o Brasil vai precisar investir em energia para o futuro, em função do aumento da demanda e do esgotamento do potencial hidrelétrico", acrescenta o texto.

PLANO ENSAIADO NO GOVERNO LULA

Com a retomada das obras de Angra 3, em 2009, o governo Lula chegou a ensaiar um plano de construir uma série de usinas nucleares no Brasil. O

programa nuclear previa a construção de mais quatro usinas de 1.000 MW até 2030, duas no Nordeste e duas no Sudeste, mas não seguiu adiante.

A intenção do governo de retomar o plano de construir novas usinas foi revelada pelo ministério ao defender a viabilidade de Angra 3 e afirmar que a conclusão da usina não trará ônus para o consumidor.

O governo considera termelétricas movidas a combustíveis fósseis poluentes por gerarem gases que contribuem para o aquecimento global, ao contrário das nucleares.

Rodrigo Leite, especialista em energia do escritório Leite, Roston Advogados, se diz surpreso com o plano. Para ele, o país ainda tem grande potencial hidráulico a explorar em projetos como o complexo hidrelétrico do Rio Tapajós, no Pará, com custo mais baixo:

— Até pela posição do **Ministro (de Minas e Energia) Bento Albuquerque**, era esperada a conclusão de Angra 3 e talvez a construção de mais uma usina nuclear, mas não tantas. A nuclear é uma alternativa para energia de base, mas é cara. Ainda é possível desenvolver projetos hidráulicos e, de forma complementar, térmicas a gás e alguma nuclear. Mas de quatro a oito é ousado demais.

VEÍCULO: O Globo

Data: 23/01/2019

Seção: Economia

Autor: Vivian Oswald* E João Sorima Neto

Título: Fala concisa

Discurso cita reforma e abertura, sem detalhes

DAVOS (SUÍÇA) E SÃO PAULO- No Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça, o presidente Jair Bolsonaro fez seu primeiro pronunciamento para uma plateia internacional. Em um discurso de seis minutos, ele prometeu promover a abertura comercial do Brasil, levar adiante as reformas e facilitar o ambiente de negócios, com medidas como corte de impostos e privatizações.

O plenário estava quase cheio e, após o discurso, os presentes aplaudiram, mas não houve entusiasmo. Alguns especialistas apontaram a falta de detalhes em seu programa econômico, particularmente em relação à Previdência, mas outros consideraram o discurso pragmático, já que o próprio Bolsonaro tem afirmado que o ministro da Economia, Paulo Guedes, é quem vai discutir detalhes com executivos e investidores.

— Vamos diminuir a carga tributária, simplificar as normas, facilitando a vida de quem deseja produzir, empreender, investir e gerar empregos. Trabalharemos pela estabilidade macroeconômica, respeitando os contratos, privatizando e equilibrando as contas públicas.

O Brasil ainda é uma economia relativamente fechada ao comércio internacional, e mudar essa condição é um dos maiores compromissos deste governo — afirmou Bolsonaro, acrescentando que, até o fim de seu mandato, o Brasil estará no ranking dos 50 melhores países para fazer negócios.

O presidente citou ainda como trunfo a presença do ministro da Justiça, Sérgio Moro, para mostrar o compromisso do novo governo em combater a corrupção e a lavagem de dinheiro.

Bolsonaro foi o primeiro líder latino-americano a discursar na sessão de abertura do encontro. Ao apresentá-lo, o fundador do Fórum, Klaus Schwab, destacou que o Brasil é a oitava maior economia mundial e tem a sexta maior população do planeta.

Depois do discurso, Bolsonaro respondeu a algumas perguntas de Schwab. Era possível ver que o presidente brasileiro tinha fichas em suas mãos enquanto falava. Segundo o jornal britânico Financial Times, a primeira aparição internacional de Bolsonaro foi "cuidadosamente controlada".

Schwab perguntou quais serão as medidas do novo governo. Bolsonaro respondeu que pretende diminuir o tamanho do Estado e levar adiante as reformas da Previdência e tributária. Disse ainda que iria retirar "o viés ideológico do nosso comércio" e fazer negócios "com aqueles que têm práticas semelhantes às nossas"

Para quem quer fazer negócios com o Brasil, o discurso bastou para ter a certeza de que a agenda econômica liberal de Guedes tem a chancela do presidente. E era isso o que o mercado queria ouvir, ainda que alguns sentissem falta de mais detalhes.

— Foi um pouco frustrante porque não havia muitos detalhes sobre o que pretende fazer, mas certamente os objetivos amplos foram muito estimulantes — afirmou o economista-chefe da consultoria IHS-Markit, Narima Behravesht.

NOBEL: "ELE ME DÁ MEDO"

Para alguns especialistas ouvidos pelo GLOBO no plenário do Fórum, o discurso de Bolsonaro foi o que esperavam.

— Os detalhes do que pretende fazer e o timing de reformas têm de ser anunciados no Brasil — disseram representantes de instituições financeiras brasileiras.

Para o jornalista de uma rede de TV dos Estados Unidos, que acompanha Davos há oito anos, Bolsonaro "passou na prova" da estreia em Davos. A avaliação é que, se tentasse fazer um discurso marcante, poderia errar.

Mas o presidente brasileiro não deixou uma boa impressão no economista Robert Shiller, vencedor do Prêmio Nobel em 2013: — Ele me dá medo — afirmou Shiller ao Valor.

— O Brasil é um grande país e merece alguém melhor. Já a representante de uma empresa alemã de energia, que também preferiu não se identificar, afirmou que o presidente não trouxe nada de novo. Ela queria respostas sobre as reformas e o compromisso do Brasil de crescer respeitando o meio ambiente.

Para o economista Sergio Vale, da MB Associados, o discurso "foi um convite ao investimento estrangeiro": — No geral, é tudo o que os investidores gostariam de ouvir, mas sem o detalhamento desejado em algumas partes, como no caso da Previdência — disse Vale, que considerou positiva a estreia de Bolsonaro em Davos.

O economista e ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola também considerou o discurso positivo:

— De fato, não fazia sentido dar detalhes da reforma da Previdência a uma plateia em Davos.

FORA DO HÁBITAT

Para o operador de Bolsa da corretora Renascença, Luis Roberto Monteiro, o mercado não esperava mesmo ouvir detalhes sobre a reforma das aposentadorias: — A expectativa fica para a apresentação dos detalhes da reforma da Previdência ao Congresso.

Já para o cientista político da consultoria Tendências, Rafael Cortez, o discurso foi pouco ambicioso.

— Faltaram referências históricas, um discurso mais forte, mais profundo, com destaque de pontos importantes da agenda do governo. Faltou fazer uma análise da conjuntura econômica, que após a eleição de Bolsonaro está mais positiva, com a valorização de ativos brasileiros. Isso poderia ter trazido mais impacto ao discurso — afirmou.

Cortez avalia que essa falta de profundidade nos temas econômicos possa ser explicada pela falta de familiaridade do presidente com assuntos como a Revolução Industrial 4.0, tema do Fórum: — Aquele não é o hábitat natural do presidente. Talvez por isso o discurso não tenha sido mais ambicioso.

*Enviada especial

Colaborou Daniel Rittner, do Valor

VEÍCULO: O Globo

Data: 23/01/2019

Seção: Economia

Autor: Vivian Oswald - Enviada Especial

Título: Bolsonaro: Brasil fica no Acordo de Paris 'por ora'

Presidente fez a afirmação a grupo de executivos, mas falta de clareza em discurso sobre meio ambiente é criticada. Nos bastidores, governo avalia que país já faz o suficiente para preservar recursos naturais e, mesmo assim, é muito cobrado

DAVOS (SUÍÇA)- O Brasil fica no Acordo do Clima até segunda ordem. Foi isso o que informou o presidente da República, Jair Bolsonaro, a um grupo de executivos com quem jantou na noite de ontem em Davos, na Suíça. Ele afirmou que o país, "por ora", continuará signatário do entendimento assinado por mais de 150 países em Paris em 2016 para reduzir emissões de gases que causam o aquecimento global.

A pergunta dos executivos, no entanto, talvez tenha sido uma das várias que ficaram sem resposta durante o curto discurso proferido pelo presidente no plenário do Fórum Econômico Mundial.

Bolsonaro foi criticado por não ter se comprometido enfaticamente como meio ambiente como tantos esperavam, ou cobravam. Recentemente, o governo chegou a dizer que deixaria o acordo, mas acabou voltando atrás. O discurso de ontem do presidente deixa claro que o país não pretende sacrificar seu desenvolvimento para se comprometer com mais do que deva dar em termos de proteção ao ambiente. Este é um assunto sobre o qual integrantes da equipe de Bolsonaro são reticentes.

Há no governo uma percepção de que o Brasil fez muito mais pelo clima que outras nações, mas é mais cobrado. Que os países ricos, depois de "queimarem todas as suas florestas para se desenvolver, agora cobram medidas muito mais duras", disse um integrante da comitiva, destacando que todos têm

responsabilidade. "Olha aqui em volta, no caminho para Davos, as florestas são todas de pinus", afirmou.

Jornalistas estrangeiros criticaram a falta de clareza do presidente ao tratar do assunto. Para a secretária-geral da Federação Internacional para Direitos Humanos, Debbie Stothard, o meio ambiente é um tema muito caro ao Fórum. No relatório de Riscos 2019, divulgado pela organização, a mudança do clima é apontada como um dos grandes fatores de risco para o crescimento econômico.

— Sabendo das suas fortes posições anti-LGBT, anti-direitos humanos, anti-indígena, nós consideramos que associar-se ao seu programa de exploração dos recursos naturais e biodiversidade é basicamente associar-se a uma sentença de morte para a integridade ecológica do Brasil, para povos indígenas e o meio ambiente global — disse Stothard.

— E ele não respondeu sequer à pergunta sobre meio ambiente do professor Klaus Schwab (fundador do Fórum). Deveria saber que num fórum como esse, é uma pergunta de extrema relevância.

VEÍCULO: O Globo

Data: 23/01/2019

Seção: Sociedade

Autor: Ana Lucia Azevedo

Título: Verão a seco

Temporada de pouca chuva e muito calor volta a ameaçar reservatórios

O céu não nos protege mais. A mesma anomalia no clima que marcou a grave crise hídrica de 2014/2015 no Sudeste está de volta. Desde o fim de dezembro, um padrão de chuvas abaixo e temperaturas acima da média se estabeleceu na região e em partes do Centro-Oeste e do Nordeste, segundo análise de cientistas do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden). No Rio, a situação é pior do que em São Paulo.

A anomalia deverá persistir nas próximas três semanas e, caso se prolongue por mais tempo, poderá agravar a situação dos reservatórios do Sudeste. Embora tenham ficado em 2018 em situação melhor do que em 2017, os reservatórios nunca se recuperaram completamente da seca histórica de 2014, que afetou o abastecimento de água, a geração de energia e a produção agropecuária. São Paulo teve uma crise de abastecimento sem precedentes.

Um estudo nacional sobre secas recém-lançado pelo Cemaden revela que, nos últimos sete anos, choveu menos em todo o Brasil, à exceção da Região Sul. O

período foi marcado pela maior seca em cem anos no Semiárido e pela pior seca da História recente do Sudeste.

Satélites e modelos meteorológicos mostram que alguma coisa está fora de ordem. Mas não há ainda explicação para o fenômeno. O El Nino, que costuma levar a culpa de todas as maldades do clima, desta vez não está bem configurado, e por si só não explica as anomalias, diz o meteorologista Marcelo Seluchi, coordenador-geral de Operações e Modelagem do Cemaden.

Fato é que a área de alta pressão atmosférica que costuma permanecer no Atlântico junto ao Nordeste e leva secura ao Semiárido se deslocou em direção ao Sul e estendeu sua influência Brasil adentro. Segundo Seluchi, essa área começou a se formar no final de dezembro e entrou em janeiro com força.

A alta pressão é uma exterminadora de nuvens de chuva e um aquecedor do ar. Ela inibe a chuva e, assim, faz a temperatura disparar. Faz isso ao secar a atmosfera e empurrar para baixo o ar quente. As nuvens que se formam por convecção devido ao calor do dia são esmagadas e sugadas. O resultado é a formação de uma estufa, um calor literalmente opressivo.

TEMPORAIS VIOLENTOS

O sistema de alta pressão também bloqueia a entrada de frentes frias. Isso não significa que não chova. Quando algum sistema de tempestade consegue sobreviver à alta pressão, gera chuvas curtas, localizadas, mas que podem ser extremamente violentas, destaca Seluchi.

É o caso das que têm afetado o estado de São Paulo e que na terça-feira deixaram sem luz até mesmo o Centro de Pesquisa e Previsão do Tempo do Inpe (CPTec), em Cachoeira Paulista.

Seluchi explica que o município do Rio está em situação pior do que a cidade de São Paulo porque fica mais ao norte e ao leste, mais próximo do sistema de alta pressão. Também se situa no nível do mar, enquanto a capital paulista está a cerca de 700 metros de altitude.

— Como o Rio ainda tem muito cimento, asfalto e prédios, está na pior situação e sofre com mais intensidade os efeitos da alta pressão — diz o meteorologista.

De acordo com ele, a partir de sexta-feira o sistema de alta pressão perde um pouco a força e pode chover. Mas é um enfraquecimento temporário. E não está descartado o risco de temporais violentos e rápidos, do tipo que inunda ruas, mas não repõe a umidade perdida do solo nem a recarga dos rios.

O mesmo padrão climático que castiga o Brasil também se repete neste momento na Austrália, onde a única chuva em alguns lugares é a de morcegos, mortos pelo calor sem trégua. Outros dois sistemas estão ativos no Índico e no Pacífico. É um padrão que trava a circulação atmosférica. E é difícil saber agora por quanto tempo vai perdurar e que mudança na dinâmica entre oceanos e atmosfera é de fato a causa, observa.

A situação do estado do Rio é preocupante, afirma Humberto Barbosa, coordenador do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites (Lapis), da Universidade Federal de Alagoas, e integrante do grupo de especialistas em desertificação do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) da ONU.

Barbosa diz que um modelo de previsão britânico, do Hadley Centre, um dos maiores centros de climatologia do mundo, indica que a tendência para fevereiro, março e abril no Sudeste é de continuidade da escassez de chuva e temperaturas muito elevadas.

— Tudo indica que este será um ano atípico e crítico para a disponibilidade de água — salienta.

E nem adianta buscar refúgio nas cachoeiras cariocas. Estão por um fio, mingam à medida que a temperatura sobe, pois a água evapora com o calor e não há chuva suficiente para recarregá-las.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 23/01/2019

Seção: Mundo

Autor: Luciana Coelho, Lucas Neves e Maria Cristina Frias

Título: Brasil ficará em acordo sobre o clima, afirma Bolsonaro

Em Davos, presidente foi questionado por executivos sobre meio ambiente

O Brasil não vai deixar o Acordo de Paris sobre o Clima, disse o presidente Jair Bolsonaro em encontro com CEOs em Davos nesta terça (22) segundo um dos participantes.

Ele já havia feito um aceno nessa direção ao afirmar, na plenária do Fórum Econômico Mundial, que o país pretende estar sintonizado com o mundo na busca da diminuição de CO2 e na preservação ambiental.

Segundo o executivo presente na reunião com o presidente e com o ministro Paulo Guedes (Economia), Bolsonaro foi questionado pelos representantes das

multinacionais sobre quais eram seus planos em relação ao ambiente e à questão indígena.

O presidente já chegou a dizer que o país poderia deixar o acordo climático fechado pela ONU em 2015, a exemplo dos EUA. Também já afirmou que era algo a se pensar.

Dois dias antes do segundo turno da eleição, Bolsonaro afirmou que, se fosse eleito presidente, manteria o Brasil no Acordo de Paris sobre o Clima, desde que a soberania plena da Amazônia fosse preservada.

“Eu perguntaria a vocês: nesse Acordo de Paris, nós poderíamos correr o risco de abrir mão da nossa Amazônia? Vamos então botar no papel que não está em jogo o triplo A e nem a independência de nenhuma terra indígena que eu mantenho o Acordo de Paris”, disse na época. A região chamada por ele de “triplo A” engloba os Andes, o oceano Atlântico e a Amazônia.

Em Davos, ele esclareceu sua posição, seguindo o que dissera seu ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. Informou aos empresários e executivos estrangeiros que seguirá no acordo, mas que espera contrapartida pelo fato de o país ser um dos que menos poluem o planeta.

Clima é um dos principais trilhos da agenda em Davos neste ano, e os participantes mostram preocupação com a ação humana no aquecimento do planeta.

Nesta terça, o príncipe William entrevistou o naturalista David Attenborough, 92, a esse respeito na plenária do Fórum. “Somos agora tão numerosos, tão poderosos, tão dominadores... que podemos realmente exterminar o ecossistema inteiro sem nem perceber que estamos fazendo isso”, disse o conhecido narrador de programas de história natural da rede BBC.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 23/01/2019

Seção: Mundo

Autor: Talita Fernandes

Título: Mourão diz que país não pode fugir da questão climática

Após o discurso em Davos do presidente Jair Bolsonaro, o presidente interino, Hamilton Mourão, disse nesta terça (22) em Brasília que o país não pode fugir da questão ambiental.

“Às vezes alguns ruídos acontecem, mas a gente não pode fugir desta questão ambiental, do Clima. O presidente tem plena consciência disso e deixou claro

isso no discurso dele”, afirmou Mourão ao ser questionado se o Brasil vai deixar o Acordo de Paris.

Em sua primeira viagem internacional como presidente, Bolsonaro falou a uma plateia que reúne a elite política e econômica global. Ele, que durante a campanha falou em sair do Acordo de Paris, a exemplo do que fez Donald Trump, fez uma menção tímida sobre as questões ambientais.

Contudo, em um encontro com CEOs em Davos, Bolsonaro afirmou que não retirará o Brasil do acordo climático.

“Somos o país que mais preserva o meio ambiente. Nenhum outro país tem tantas florestas como nós”, afirmou Bolsonaro. O presidente disse ainda que seu governo tem como objetivo compatibilizar preservação com desenvolvimento necessário e sugeriu que os críticos têm muito a aprender com ele.

Mourão elogiou o discurso presidencial na Suíça.

“Excelente, maravilhosas as palavras do presidente. De acordo com tudo aquilo que estamos pensando e buscando para inovar no nosso país, que a gente tenha um rumo melhor e que a gente chegue aos nossos objetivos. Vocês têm que lembrar que nossos objetivos são que todo brasileiro tenha escola, tenha acesso à saúde, ande na rua com segurança, tenha emprego e renda”, disse.

Segundo Mourão, não faltou detalhamento na fala de Bolsonaro. “O detalhamento é particular, né? Lá o cara fala no geral. O detalhado é quando vai discutir com o Congresso”, afirmou.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 23/01/2019

Seção: Mundo

Autor: Maria Cristina Frias, Luciana Coelho e Lucas Neves

Título: Em Davos, Bolsonaro fala em liderar pelo exemplo

Presidente não detalha reformas e diz que missão é compatibilizar desenvolvimento e meio ambiente

Em seu primeiro discurso em um palco internacional como presidente, Jair Bolsonaro defendeu que o Brasil lidere pelo exemplo e disse, de improviso, que os países têm de cooperar.

“Hoje em dia um precisa do outro. O Brasil precisa de vocês, e vocês com certeza precisam do nosso querido Brasil”, afirmou, com a voz embargada ao subir na plenária do 49º Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça.

Foi questionado pelo presidente do Fórum, Klaus Schwab, sobre quais passos dará para conseguir o que promete para transformar a economia, conciliar desenvolvimento e ambiente e lidar com a corrupção.

No caso da transformação econômica, Bolsonaro citou a desburocratização dos negócios, o que chamou de “comércio sem ideologia” e repetiu ideias que mencionara no discurso.

A sessão toda durou 15 minutos — oito de discurso de Bolsonaro, incluindo a breve introdução do presidente do Fórum, e sete de perguntas de Schwab —, o que é incomum para um chefe de Estado que dispunha de 45 minutos para falar, depois reduzidos a 30.

A plateia, que ocupou grande parte das 1.259 cadeiras disponíveis na plenária, sem contudo lotá-la, reagiu sem maior entusiasmo, mas com interesse. Uma expectativa dos investidores era que Bolsonaro detalhasse suas reformas, o que não aconteceu.

Empresários que acompanharam o discurso nas primeiras filas reagiram friamente ao que chamaram de excesso de objetividade do presidente, algo que ele prometia desde o início.

Alguns esperavam que a sessão abrisse espaço para perguntas da plateia, o que não aconteceu e não é prática constante do Fórum.

O economista-chefe da consultoria IHS Markit, Nariman Behraves, resumiu a sensação no ar: “Minha primeira reação foi que o discurso era muito curto. Nesses poucos minutos, ele deixou muito claro que adotaria uma agenda pró-negócios, incluindo baixar a carga tributária, reduzir a regulamentação e lidar com a corrupção”, disse.

“Foi um tanto decepcionante que não houvesse detalhe do que ele vai fazer, mas as metas mais amplas são animadoras.”

Bolsonaro fez um discurso incisivo e conciso, no qual se preocupou em mostrar o Brasil como um país pioneiro em preservar o ambiente e aberto a fazer negócios com todos.

O presidente mencionou três de seus cinco ministros presentes: Sergio Moro, “o homem certo para o combate à corrupção e à lavagem de dinheiro”; Paulo Guedes, o condutor das reformas, que segundo ele colocará o país entre os

melhores para se fazer negócio, e Ernesto Araújo, o chanceler, a quem cabe a missão de “implementar uma política externa na qual o viés ideológico deixará de existir”.

Na curta sessão de perguntas, Bolsonaro insistiu que a América do Sul quer ser grande — evocação a Donald Trump — e que hoje está “ficando livre da esquerda, algo que acredito ser bom”.

Mas fez, também, acenos ao multilateralismo, falando em comércio e proteção do ambiente, embora não tenha detalhado, nem com a insistência de Schwab, como pretende equilibrar ambiente e desenvolvimento — ou agronegócio, citado como principal “commodity”.

Ativistas de direitos humanos e ambiente que ouviram o discurso elogiaram compromissos citados, mas ressaltaram que era preciso transformá-los em mais do que palavras.

“Chama a atenção quando o presidente diz que nosso país seguirá as ‘boas práticas internacionais’, citando especificamente a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

“Este órgão, do qual o Brasil busca fazer parte, reconhece a importância dos princípios de sustentabilidade e direitos humanos, ao lado de objetivos de promoção comercial e combate à corrupção”, afirmou a Conectas em nota.

O secretário-executivo do Observatório do Clima, Carlos Rittl, disse que foi a primeira vez que Bolsonaro elogiou o combate à mudança climática, mas também cobrou ações concretas.

“Infelizmente, é difícil conciliar o discurso com a realidade dos primeiros 21 dias da administração Bolsonaro. O governo federal brasileiro tomou medidas concretas para submeter a agenda ambiental ao agronegócio”, afirmou Rittl em nota. “O presidente deve agir rapidamente para corrigir o curso se ele realmente quer implementar o que disse em Davos.”

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 23/01/2019

Seção: Mundo

Autor:

Título: Leia a íntegra comentada do pronunciamento

Boa tarde a todos!

"Muito obrigado, professor Schwab [1] !"

[1] Klaus Schwab é o criador e presidente do Fórum Econômico Global

"Agradeço, antes de mais nada, o convite para participar deste fórum e a oportunidade de falar a um público tão distinto [2]."

[2] O Fórum é conhecido por reunir o chamado PIB Global: executivos, políticos, acadêmicos de universidades de ponta, ativistas reconhecidos

"Agradeço também a honra de me dirigir aos senhores já na abertura desta sessão plenária [3]."

[3] A abertura foi feita 4:30 mais cedo por Schwab. Bolsonaro foi, no entanto, o primeiro dos cinco chefes de Estado e governo que discursam neste ano a subir no palco

"Esta é a primeira viagem internacional que realizo após minha eleição, prova da importância que atribuo às pautas que este fórum tem promovido e priorizado. Esta viagem também é para mim uma grande oportunidade de mostrar para o mundo o momento único em que vivemos em meu país e para apresentar a todos o novo Brasil que estamos construindo [4]."

[4] Desde o início ele pretendia que esta fosse a tônica de seu discurso

"Nas eleições, gastando menos de 1 milhão de dólares [5]..."

[5] Em gastos declarados ao TSE

"... e com 8 segundos de tempo de televisão, sendo injustamente atacado a todo tempo [6]..."

[6] Não está claro se é uma alusão ao atentado à faca que quase o matou ou se é seu rechaço a qualquer crítica, mesmo que objetiva

"...conseguimos a vitória. Assumi o Brasil em uma profunda crise ética, moral e econômica. Temos o compromisso de mudar nossa história. Pela primeira vez no Brasil um presidente montou uma equipe de ministros qualificados [7]."

[7] Ministros de governos anteriores tiveram atuação elogiada, e não foram nomeados por filiação partidária

"Honrando o compromisso de campanha, não aceitando ingerências político partidárias [8]..."

[8] Bolsonaro foi pressionado pelo seu próprio partido e pelo MDB na montagem da equipe. Muitos ministros foram escolhidos por afinidade ideológica com o presidente e seus filhos

"...que, no passado, apenas geraram ineficiência do Estado e corrupção. Gozamos de credibilidade para fazer as reformas de que precisamos e que o mundo espera de nós. Aqui entre nós, meu ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, o homem certo para o combate à corrupção e o combate à lavagem de dinheiro [9]."

[9] Moro ganhou espaço no noticiário internacional por sua atuação na Lava Jato, mas o escopode seu ministério vai bem além da corrupção

"Vamos investir pesado na segurança para que vocês nos visitem com suas famílias, pois somos um dos primeiros países em belezas naturais, mas não estamos entre os 40 destinos turísticos mais visitados do mundo [10]."

[10] O país é o 45º mais visitado no mundo segundo lista de 2015 da Organização Mundial do Turismo (a mais recente a citar o Brasil)

"Conheçam a nossa Amazônia, nossas praias, nossas cidades e nosso Pantanal. O Brasil é um paraíso, mas ainda é pouco conhecido! Somos o país que mais preserva o meio ambiente [11]."

[11] O Brasil tem 67% do seu território coberto por florestas e campos naturais, mas há países com maior cobertura relativa e absoluta e outros 30 com cobertura acima de 60%; além disso, é um dos países que mais desmata hoje. Mas polui relativamente pouco em comparação a outros

"Nenhum outro país do mundo tem tantas florestas como nós [12]."

[12] A Rússia tem um Brasil em floresta. O Brasil tem 29% de áreas terrestres protegidas, enquanto a média mundial sem o Brasil é de 10,5%, segundo dados de 2016 citados pela Embrapa; o país não é, porém, o que tem o maior percentual de áreas protegidas, ficando em 52º lugar

"A agricultura se faz presente em apenas 9% do nosso território e cresce graças a sua tecnologia e à competência do produtor rural. Menos de 20% do nosso solo é dedicado à pecuária [13]."

[13] Segundo dados da Embrapa e do Ministério da Agricultura, lavouras e florestas plantadas ocupavam 9% do território nacional em 2018; pastagens plantadas, 13%; e pastagens nativas, 8%

"Essas commodities, em grande parte, garantem superávit em nossa balança comercial e alimentam boa parte do mundo. Nossa missão agora é avançar na compatibilização entre a preservação do meio ambiente e da biodiversidade com o necessário desenvolvimento econômico...[14]"

[14] O presidente reitera o que afirmava na campanha, que ambos são importantes, mas pela primeira vez equipara ambiente a desenvolvimento e agronegócio. Ele não deixa claro, porém, como equilibrá-los

"...lembrando que são interdependentes e indissociáveis. Os setores que nos criticam têm, na verdade, muito o que aprender conosco [15] ."

[15] Não se sabe a quem o presidente se refere, sobretudo com "aprender". Mas membros de seu governo tratam críticas a esse aspecto como desrespeito à soberania

"Queremos governar pelo exemplo e que o mundo restabeleça a confiança... [16]"

[16] Bolsonaro tenta reavivar o 'soft power' do Brasil, o poder de influência e persuasão de um país

"...que sempre teve em nós. Vamos diminuir a carga tributária, simplificar as normas, facilitando a vida de quem deseja produzir, empreender, investir e gerar empregos. Trabalharemos pela estabilidade macroeconômica, respeitando os contratos, privatizando e equilibrando as contas públicas [17]."

[17] Executivos e analistas gostaram das linhas gerais estabelecidas pelo presidente, mas se frustraram com a ausência de detalhes sobre as reformas. Schwab tentou voltar depois ao assunto, mas Bolsonaro apenas repetiu as linhas gerais do discurso

"O Brasil ainda é uma economia relativamente fechada ao comércio internacional...[18]"

[18] O Brasil é um dos países mais protecionistas nas filas da Organização Mundial do Comércio

"...e mudar essa condição é um dos maiores compromissos deste Governo. Tenham certeza de que, até o final do meu mandato, nossa equipe econômica, liderada pelo ministro Paulo Guedes [19]..."

[19] Bolsonaro evoca seu "Posto Ipiranga", figura tão esperada em Davos quanto ele próprio

"...nos colocará no ranking dos 50 melhores países para se fazer negócios. Nossas relações internacionais serão dinamizadas pelo ministro Ernesto Araújo, implementando uma política na qual o viés ideológico deixará de existir [20] ."

[20] Araújo já declarou alinhamento aos EUA e a Israel porque afinidade ideológica — trocou-se apenas a ideologia do governo de turno

"Para isso, buscaremos integrar o Brasil ao mundo, por meio da incorporação das melhores práticas internacionais, como aquelas que são adotadas e promovidas pela OCDE [21]"

[21] O Brasil pleiteia um lugar na organização que reúne países desenvolvidos

"Buscaremos integrar o Brasil ao mundo também por meio de uma defesa ativa da reforma da OMC, com a finalidade de eliminar práticas desleais de comércio...[22]"

[22] Esta é uma demanda encampada sobretudo pelos EUA, mas a própria Organização Mundial do Comércio concorda que precisa de adequações para não ficar obsoleta

"...e garantir segurança jurídica das trocas comerciais internacionais. Vamos resgatar nossos valores e abrir nossa economia . [23]"

[23] Não está claro como as coisas se relacionam

"Vamos defender a família...[24]"

[24] Declaração em desajuste em um fórum que defende a diversidade, inclusive a de orientação sexual

"...e os verdadeiros direitos humanos...[25]"

[25] Organizações que monitoram o tema criticaram a expressão, afirmando que não há direitos humanos "falsos", já que eles significam tão somente garantia de acesso a saúde, educação, liberdade e dignidade econômica

"...proteger o direito à vida... [26]"

[26] Inferência ao aborto, também estranha a um fórum que defende o protagonismo feminino

"...e à propriedade privada e promover uma educação que prepare nossa juventude para os desafios da quarta revolução industrial, buscando, pelo conhecimento, reduzir a pobreza e a miséria [27]."

[27] Este tem sido o norte do Fórum

"Estamos aqui porque queremos, além de aprofundar nossos laços de amizade, aprofundar nossas relações comerciais [28]."

[28] Bolsonaro evitou fazer menções a países específicos, o que é bem visto por analistas e observadores do Fórum

"Temos a maior biodiversidade do mundo e nossas riquezas minerais são abundantes. Queremos parceiros com tecnologia para que esse casamento se traduza em progresso e desenvolvimento para todos. Nossas ações, tenham certeza, os atrairão para grandes negócios, não só para o bem do Brasil, mas também para o de todo o mundo. Estamos de braços abertos. Quero mais que um Brasil grande, quero um mundo de paz, liberdade e democracia [29]"

[29] Aqui Bolsonaro se contrapõe à ideia de que seja ultranacionalista e faz um aceno à comunidade global e à cooperação internacional. O discurso foi calibrado desde o início para atestar as credenciais democráticas do presidente, abaladas por declarações que repercutiram negativamente na imprensa internacional

"Tendo como lema "Deus acima de tudo" [30]..."

[30] O presidente usa aqui metade de seu slogan de campanha, mas a menção é estranha a um fórum econômico

"...acredito que nossas relações trarão infindáveis progressos para todos. Meu muitíssimo obrigado."

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 23/01/2019

Seção: Colunas

Autor: Andreza Matais

Título: » De volta...

Coluna do Estadão

Ex-secretário executivo do Ministério de Minas e Energia, Paulo Pedrosa que chegou a ser cotado para assumir a pasta no governo Bolsonaro, decidiu ir para a iniciativa privada.

» **...ao ninho.** Assumirá a presidência da Associação dos Grandes Consumidores de Energia. Hoje, volta à pasta para se reunir com o **ministro Bento albuquerque.**

COM NAIRA TRINDADE, JULIANA BRAGA E MARIANNA HOLANDA

PRONTO, FALEI!

Carlos Rittl - Secretário-executivo do Observatório do Clima

"Belos discursos não vão salvar o Brasil da perda de mercados se o desmatamento continuar a subir", sobre a fala de Jair Bolsonaro no Fórum de Davos.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 23/01/2019

Seção: Economia

Autor: Jamil Chade ENVIADO ESPECIAL / DAVOS

Título: 'Por ora, ficamos no Acordo de Paris', diz presidente

Declaração de Bolsonaro foi feita a jornalistas após empresários cobrarem uma posição sobre os problemas climáticos

O presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, disse ontem, em reunião com empresários, em Davos, que o País vai continuar no Acordo de Paris, o tratado assinado por 195 países para estabelecer esforços conjuntos para tentar conter o aumento da temperatura do planeta a menos de 2°C até o fim do século.

Ele deu a declaração após ser cobrado pelos empresários sobre o que pretendia fazer sobre o problema das mudanças climáticas. Além de falar que fica no acordo, disse que não vai aceitar ser acusado de responsabilidade pela degradação ambiental. Depois, a jornalistas, o presidente declarou apenas: "Por ora, será mantido".

O Estado apurou no Itamaraty que deverão, porém, ser cobradas contrapartidas. Entre elas, a de que os países desenvolvidos cumpram a promessa de dar US\$ 100 bilhões ao ano, a partir de 2020, para ajudar os países em desenvolvimento a fazer sua transição para uma economia de baixo carbono.

Na reunião com empresários, que tinha representantes da Nestlé, Arcelor Mittal, Embraer e de bancos internacionais, o presidente também foi questionado sobre a Amazônia e a situação dos povos indígenas. Segundo empresários presentes à reunião, Bolsonaro disse que o fato de haver mudanças no governo na área indígena não significa que os povos serão prejudicados. Em um dos primeiros atos do governo, a tarefa de demarcação de terras indígenas passou da Fundação Nacional do Índio (Funai) para o Ministério da Agricultura.

Mais cedo, após fazer seu discurso oficial, Bolsonaro deu, pela primeira vez, uma declaração no sentido de que vai trabalhar para combater as mudanças climáticas. "Nós pretendemos estar sintonizados com o mundo na busca da diminuição de CO2", afirmou a Klaus Schwab, fundador do fórum.

A declaração chamou atenção porque até então a posição do novo governo em relação ao problema era bastante incerta. Depois de Bolsonaro ter dito diversas vezes que deixaria o acordo, o governo começou a dar sinais de que voltaria atrás, como informado pelo ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, mas sempre com condicionais.

No Brasil. Entidades ambientalistas receberam com ressalvas as declarações de Bolsonaro. "É a primeira vez que o presidente menciona luta contra a mudança climática de forma positiva, sem senões ou condicionantes", disse Carlos Rittl, secretário executivo do Observatório do Clima. O Greenpeace destacou que "ser o país com mais recursos naturais não significa ser o que melhor preserva o meio ambiente". A ONG lembra que entre junho de 2017 e agosto de 2018 "o Brasil registrou o maior índice de desmatamento dos últimos 10 anos". / COLABOROU GIOVANA GIRARDI

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 23/01/2019

Seção: Política

Autor: Paulo Silva Pinto

Título: Estreia rápida na cena mundial

O presidente Jair Bolsonaro fez ontem sua estreia internacional com um discurso de seis minutos no Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça. Foi o primeiro chefe de Estado a falar no evento deste ano. Sucinto, tocou nos pontos que a plateia de investidores mais estava interessada: o governo busca melhorar o ambiente de negócio no Brasil, com desburocratização, incentivo ao comércio internacional e redução da criminalidade. Ele enfatizou também o meio ambiente, tema sensível ao público mundial e sobre o qual pairam dúvidas quanto às ações que serão promovidas no mandato dele. À noite, em reunião com empresários, ele afirmou que, por ora, o Brasil vai continuar no Acordo de Paris sobre o clima.

Por meio do Twitter, Bolsonaro destacou que foi o primeiro líder de um país no Hemisfério Sul e de fora do G7, o grupo das nações mais ricas, a discursar na abertura do evento. A intervenção dele teria, a princípio, 45 minutos. Foi reduzida para meia hora. Mesmo com as questões, porém, não passou de 16 minutos no total. Houve críticas de analistas quanto à superficialidade das

propostas apresentadas (leia texto abaixo). A recepção do público local foi fria, com poucos aplausos ao final, indicando certa decepção, já que a procura por ingressos para garantir um lugar no auditório havia sido grande.

Logo depois de chegar ao púlpito, Bolsonaro disse, espontaneamente, estar “emocionado” por se dirigir à plateia. Em seguida, começou a ler um discurso preparado por ministros e assessores. Destacou o fato de ter vencido as eleições “gastando menos de US\$ 1 milhão e com oito segundos de tempo de televisão, sendo injustamente atacado a todo tempo”.

Em relação a mudanças constitucionais ou legais, ele apenas citou a intenção de fazê-las, sem detalhes. “Gozamos de credibilidade para fazer as reformas de que precisamos e que o mundo espera de nós”. Procurou se calçar na qualidade da equipe, citando a presença dos ministros das Relações Exteriores, Ernesto Araújo; da Economia, Paulo Guedes; e da Justiça, Sérgio Moro. “Vamos investir pesado na segurança para que vocês nos visitem com suas famílias, pois somos um dos primeiros países em belezas naturais, mas não estamos entre os 40 destinos turísticos mais visitados do mundo”, ressaltou. “Conheçam a nossa Amazônia, nossas praias, nossas cidades e nosso Pantanal. O Brasil é um paraíso, mas ainda é pouco conhecido.”

Ele disse considerar injustas as críticas dirigidas ao governo pela política ambiental. “Somos o país que mais preserva o meio ambiente. Nenhum outro país no mundo tem tantas florestas como nós”, destacou. Há, porém, cerca de 30 países pobres e ricos com níveis de preservação de biomas equivalentes ou superiores aos do Brasil, incluindo Coreia do Sul, Japão, Finlândia, Rússia, Suriname e Congo. Para Bolsonaro, o Brasil precisa “avançar na compatibilização entre a preservação do meio ambiente e da biodiversidade e o necessário desenvolvimento econômico”. Os “verdadeiros direitos humanos” e a defesa da família também foram citados no discurso.

Carga tributária

Bolsonaro mencionou a necessidade de reduzir a carga tributária e colocar o país entre os 50 melhores do mundo para fazer negócios — hoje está em 109º lugar no ranking do Banco Mundial. Ele mencionou também a intenção de abrir a economia brasileira e de fortalecer a Organização Mundial do Comércio (OMC), algo que contradiz a intenção dos aliados norte-americanos, que buscam reduzir o poder do órgão.

Quando indagado por Klaus Schwab sobre quais os passos para a transformação econômica do país, o presidente elencou as reformas citadas antes e a ênfase no comércio, acrescentando que “questão ideológica deixará de existir” nas relações diplomáticas. O fundador do Fórum pediu mais detalhes quanto à preservação ambiental, mas tampouco conseguiu obtê-los. “O que pudermos

aperfeiçoar, faremos”, se limitou a dizer o presidente.

O mais curto

O discurso de Bolsonaro em Davos foi muito menor do que os feitos por outros presidentes brasileiros que participaram do Fórum. Em 2014, Dilma Rousseff falou por pouco mais de 32 minutos. Alguns anos depois, Michel Temer usou 30 minutos, incluindo perguntas. Já Luiz Inácio Lula da Silva fez três discursos na plenária de Davos, todos incluindo perguntas. Em 2003, falou por 28 minutos; em 2005, por 27 minutos; e em 2007, por 38 minutos.

Sem encontros bilaterais

A falta de encontros bilaterais no primeiro dia da agenda do presidente Jair Bolsonaro em Davos, na Suíça, causou estranheza entre especialistas e deixou claro que ele delegou as conversas mais detalhadas com investidores e representantes de empresas e de governo para seus ministros em encontros paralelos aos painéis do Fórum Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês).

Apesar de haver várias solicitações de encontros bilaterais, Bolsonaro não teve nenhuma reunião exclusiva ao longo do dia. Para hoje, estão previstos apenas dois encontros bilaterais na agenda: com o primeiro-ministro da Itália, Giuseppe Conte, e com o presidente da Suíça, Ueli Maurer.

“Não é comum para um chefe de Estado que sai do país para um evento do porte do WEF não se encontrar com representantes de outros governos e de grandes empresas. Ao evitar esses encontros bilaterais, que também são importantes nesses eventos, fica parecendo que o presidente foi só passear”, criticou o economista José Luis Oreiro, professor da UnB. Para ele, o discurso de Bolsonaro “foi mais frustrante do que ele esperava”. (RH)

Investidores esperavam mais

O discurso que o presidente Jair Bolsonaro fez ontem na abertura oficial do Fórum Econômico Mundial dividiu especialistas e economistas no Brasil e no exterior. A maioria, contudo, ficou frustrada e criticou o conteúdo, considerado superficial, em uma fala de apenas seis minutos. O tempo diminuto causou constrangimento, porque sinalizou que chefe de Estado da maior economia da América Latina não teria muito a dizer para a plateia tão qualificada, que retribuiu com aplausos tímidos.

Os investidores queriam mais. Não à toa, logo após o discurso, a Bolsa de Valores de São Paulo (B3), que ensaiava um novo recorde em meio à queda dos mercados internacionais, chegou a despencar 1000 pontos no fim da fala do

presidente. De acordo com os especialistas ouvidos pelo Correio, por marcar a estreia do presidente no cenário internacional para um público tão selecionado, foi um desperdício, ainda mais porque ele aproveitou para criticar a esquerda e os defensores do meio ambiente, quando a maior parte dos participantes do Fórum apoia o Acordo de Paris.

“O grande público de Davos é composto por europeus que defendem políticas de meio ambiente”, lembrou o economista Roberto Dumas, professor de economia internacional do Ibmec-SP.

Na avaliação da economista Monica de Bolle, pesquisadora-sênior do Peterson Institute for International Economics (PIIE) e diretora do Programa de Estudos Latino-Americanos da Johns Hopkins University, em Washington, Bolsonaro estava visivelmente desconfortável naquele ambiente. “O discurso tem referências à reforma da Previdência, à abertura econômica, ao fim do viés ideológico — embora tenha um ministro das Relações Exteriores (Ernesto Araújo) que contradiz essa questão —, mas não teve conteúdo. Ele falou dos ministros Sérgio Moro (Justiça) e Paulo Guedes (Economia) como os fiadores da credibilidade desse novo governo”, ressaltou.

Promessa

De Bolle destacou ainda que Bolsonaro fez uma promessa que não será cumprida, de colocar, até o fim do mandato, o país no ranking dos 50 melhores do mundo para se fazer negócios. “Isso será impossível num prazo de quatro anos”, afirmou. Para conseguir atingir esse objetivo, seria necessário superar outros 59 países no ranking Doing Business do Banco Mundial. Neste ano, o Brasil aparece em 109º lugar entre 190 nações.

André Perfeito, economista-chefe da Necton, considerou o discurso de Bolsonaro muito superficial e por isso decepcionou o mercado. “Houve frustração com a brevidade das suas palavras e a falta de conteúdo firme, mas é o que o presidente consegue fazer”, disse. “Criou-se uma expectativa muito grande sobre o discurso porque, até agora, o governo trabalha no campo das ideias, e a concretude aguardada não veio”, emendou.

No entender de José Márcio Camargo, economista-chefe da Genial Investimentos, o discurso breve do presidente já era esperado, pois ele tinha avisado. “Não houve surpresa. Foi um discurso simples, que fala de tudo o que tinha que ser falado, sem dar margem a grandes críticas, mas também não gera grandes elogios”, resumiu. Ele minimizou a frustração do mercado, afirmando que a B3 caiu, “porque as demais bolsas também caíram”.

Escapadinha

Jair Bolsonaro e o filho Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) deram uma “escapadinha”

do Fórum Econômico Mundial na manhã de ontem. Como o presidente tinha compromissos apenas a partir das 15h30, horário local, os dois foram passear de carro pelo resort suíço de pouco mais de 11,1 mil habitantes e escoltados por seguranças. Assessores evitaram comentar a escapada, mas confirmaram que ele almoçou em um supermercado, o Migros — a imagem dele comendo num bandeirão foi postada em redes sociais. O último presidente brasileiro que fugiu de cafés e almoços realizados pelos organizadores do Fórum e que acabou “turistando” por Davos foi Fernando Collor de Mello, segundo frequentadores do evento.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 23/01/2019

Seção: Política

Autor: Luiz Carlos Azedo

Título: Seis minutos

Nas entrelinhas

O esperado discurso do presidente Jair Bolsonaro em Davos, na Suíça, para um seleto grupo de empresários e políticos, foi uma espécie de copo pela metade, gelado. De um lado, sinalizou o que investidores gostariam de ouvir em termos de direção a ser seguida pelo país; de outro, decepcionou-os por não apresentar propostas concretas de reformas, o que deixou uma impressão de superficialidade. Bolsonaro poderia ter roubado a cena em Davos, diante da ausência de peso-pesados da política mundial, como os presidentes Donald Trump (EUA), Xi Jinping (China), Emmanuel Macron (França), Vladimir Putin (Rússia) e os primeiros-ministros Theresa May (Reino Unido) e Ram Nath Kovind (Índia).

A opção pelo feijão com arroz não deixa de ser positiva, se levarmos em conta, por exemplo, a política externa anunciada no discurso de posse do ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, cuja presença no Fórum Econômico Mundial foi ofuscada pelos ministros Paulo Guedes (Economia) e Sérgio Moro (Justiça). Bolsonaro leu um discurso no qual falou de segurança, preservação ambiental e desenvolvimento, redução de impostos, respeito aos contratos, privatizações, ajuste fiscal, reforma da Organização Mundial de Comércio (OMC).

Para não deixar a retórica da campanha eleitoral, o presidente brasileiro criticou o bolivarianismo e defendeu a propriedade privada, a família e os “verdadeiros direitos humanos”. Anunciou a meta bastante exequível de colocar o Brasil entre os 50 melhores países para se investir e a necessidade de educação

voltada aos desafios da “quarta revolução industrial”. Apenas três líderes do chamado G7 participarão da reunião de Davos: o primeiro-ministro do Japão, Shinzo Abe; a chanceler alemã, Angela Merkel; e o premiê italiano, Giuseppe Conte.

Bolsonaro procurou desfazer a repercussão internacional negativa gerada por decisões recentes de seu governo sobre o meio ambiente. Durante o discurso, enfatizou que o Brasil é o país que mais preserva o meio ambiente e que o governo quer compatibilizar preservação e biodiversidade com avanço econômico. Disse que a agricultura ocupa somente 9% do território brasileiro, e a pecuária, menos de 20%. “Hoje, 30% do Brasil são florestas. Então, nós damos, sim, exemplo para o mundo. O que pudermos aperfeiçoar, o faremos. Nós pretendemos estar sintonizados com o mundo na busca da diminuição de CO2 e na preservação do meio ambiente”, declarou, após ser questionado pelo fundador e presidente do Fórum, Klaus Schwab. Depois, em reunião com investidores, confirmou que o Brasil permanecerá no Acordo de Paris sobre o clima. Além de destacar a intenção de ampliar a abertura comercial e a integração à economia mundial, Bolsonaro ressaltou a intenção de combater a corrupção, frisando o papel nesse sentido do ex-juiz Sergio Moro, no Ministério da Justiça.

Relações perigosas

No Brasil, porém, o senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), filho do presidente da República, está na frigideira, por causa do ex-assessor Fabrício Queiroz. Raimunda Veras Magalhães, mãe do ex-capitão do Bope Adriano Magalhães da Nóbrega, aparece em relatório do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) como uma das pessoas que fizeram depósitos para o ex-motorista do então deputado estadual. Ela depositou R\$ 4,6 mil na conta de Fabrício, de um salário líquido de R\$ 5.124,62 na Alerj.

A mãe de Adriano foi assessora da liderança do Partido Progressista (PP), ao qual Flávio Bolsonaro era filiado. Ela deixou o cargo quando o deputado migrou para o PSC. Em 29 de junho de 2016, Raimunda voltou à Alerj, desta vez no gabinete de Flávio, sendo exonerada somente em novembro do ano passado. A mulher de Adriano, Danielle Mendonça da Costa da Nóbrega, também trabalhou no gabinete de Flávio Bolsonaro na Alerj, com o mesmo salário da sogra.

O problema é o ex-capitão do Bope. Uma força-tarefa do Ministério Público e da Polícia Civil do Rio de Janeiro prendeu ontem cinco suspeitos de integrar uma milícia envolvida em grilagem de terra. Entre eles, estão um major da PM e um tenente reformado, além de Adriano. Mais oito pessoas são procuradas, duas estão entre os suspeitos do caso Marielle Franco, a vereadora do Psol assassinada no Rio de Janeiro no ano passado, e seu assessor Anderson Gomes.

As investigações se baseiam em escutas telefônicas e relatos recebidos pelo Disque Denúncia. Segundo a promotora Simone Sibilio, coordenadora do Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco), algumas pessoas presas também integram o “escritório do crime”, grupo de assassinos de aluguel investigado pela morte de Marielle Franco e Anderson Gomes. “A gente não descarta a participação no crime de Marielle Franco, mas não podemos afirmar isso neste momento. Essa operação não visou prender pessoas relacionadas ao crime da Marielle e Anderson. Se chegarmos à conclusão de que eles têm participação, aí, vamos trabalhar no inquérito relativo a esse crime”, afirmou Simone.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 23/01/2019

Seção: Negócios

Autor: Milton Rego

Título: Se o governo for liberal, conta de luz pode cair 40%

São Paulo — *A nova equipe do governo Bolsonaro terá pela frente um imenso desafio: o alto custo da energia elétrica. É o que afirma o presidente da Associação Brasileira do Alumínio (Abal), Milton Rego. Para ele, a recuperação da competitividade da indústria depende da redução da carga tributária sobre a conta de luz, que levou muitas fabricantes de alumínio a fechar as portas nos últimos anos. “São impostos para aumentar a difusão da energia elétrica nos lares, imposto para subsidiar energias alternativas, imposto para subsidiar a Eletrobras. É demais”, diz o executivo. Rego se diz otimista com o governo Jair Bolsonaro, acreditando que as reformas terão papel vital na retomada da economia. “Com as reformas, a economia vai voltar a crescer”, diz. Acompanhe a seguir os principais trechos da entrevista.*

Qual o balanço da indústria de alumínio em 2018 e a perspectiva para 2019?

A indústria do alumínio viveu um período muito ruim entre 2015 e 2017. Foram três anos de dificuldade extrema. A indústria brasileira, como um todo, encolheu demais. O consumo encolheu. Os três principais setores consumidores de alumínio, que são embalagens, transporte e construção civil, andaram para trás. Em três anos, perdemos toda uma década de crescimento. Já em 2018, houve uma recuperação de 11%.

O crescimento foi puxado por quais setores?

Embalagens e transporte cresceram mais e a construção civil tem sido a de recuperação mais lenta. Na verdade, a construção civil em 2018 ficou praticamente estável. Enquanto isso, o transporte cresceu 14% e o setor de embalagens, 15%. Mas isso não significa que a construção civil não está reagindo. A questão é que o alumínio entra no fim da construção, na fase de acabamento dos prédios. O alumínio é especialmente utilizado na parte de fachadas, janelas e portas. Ou seja, as obras que tiveram início agora vão demandar mais alumínio daqui a dois ou três anos. Historicamente, a recuperação na construção civil demora mais para ser sentida.

Então, as perspectivas para o setor são positivas?

Sim, exatamente. Em 2019, esperamos que a construção civil volte a crescer forte. Pelo menos nos últimos 15 anos, o consumo de alumínio apresentou uma elasticidade em relação ao PIB de mais ou menos 2 pontos percentuais. Ou seja, se nós estamos falando de um PIB crescendo num ritmo de 2,5%, o desempenho do nosso setor deve ser de cerca de 5%. Estamos otimistas que o governo vai conseguir aprovar as reformas. Com isso, a economia vai voltar a crescer.

O aumento da demanda vai turbinar a produção ou o mercado será suprido por mais importação?

Essa é uma questão complexa, de onde virá esse alumínio. Hoje em dia, o Brasil importa 15% de nosso consumo doméstico. Isso considerando alumínio como produtos finais. A importação de metal bruto é muito maior, porque o Brasil deixou de ser autossuficiente há muito tempo. A gente era autossuficiente no início da década de 2000, mas hoje a gente produz a metade do que se fazia há duas décadas. A produção de alumínio no Brasil está entre 700 mil e 800 mil toneladas por ano. Já chegamos a produzir 1,7 milhão de toneladas.

Onde foi que o Brasil errou para chegar a esse ponto?

Basicamente, no custo da energia elétrica. A partir do início dos anos 2000, especialmente entre 2010 e 2012, o custo da energia elétrica industrial aumentou muito mais que, por exemplo, a taxa cambial. Então, o Brasil saiu de mais ou menos US\$ 15 para US\$ 60 o megawatt/hora. Estou falando de dólares porque a gente compete com o mercado internacional. Então, como o alumínio precisa de muita energia elétrica, perdemos competitividade.

Mas não houve uma melhora na questão do custo da energia no Brasil?

Não. Estamos ruins, como sempre. Muitas empresas fecharam as portas. A Alcoa é uma delas. Fechou em Poços de Caldas (MG), no Rio de Janeiro, na Bahia. O país deixou de produzir 400 mil toneladas nos últimos anos, exatamente o que hoje a gente importa.

O Brasil importou muito, mas também exportou mais, certo?

Sim, mas o Brasil exporta pouco, menos de 10% da sua produção. Isso em produtos acabados. O metal a gente quase não exporta quase nada, muito pouco, alguns contratos das empresas que produzem, especialmente para a América Latina.

Existe alguma esperança de que a situação da energia elétrica vai mudar agora com o novo governo?

Muita esperança. Vi algumas entrevistas do novo ministro de **Minas e Energia, o almirante Bento Costa Lima Leite**, analisando corretamente a situação. A conta de energia no país, tanto para empresas quanto para residências, é mais ou menos 50%. É um absurdo pagar metade em impostos e taxas, de todos os tipos. São impostos para aumentar a difusão da energia elétrica nos lares, imposto para subsidiar energias alternativas, imposto para subsidiar a Eletrobras. É demais. Corretamente, o ministro enxergou que é demais. Claro que há uma questão sensível que é deficit fiscal. Mas os governos terão de encontrar uma solução para reduzir o peso dos impostos sobre a energia sem comprometer as contas públicas.

Ao reduzir os impostos, a tendência não é aumentar a arrecadação com a alta do consumo?

O problema é que os impostos sobre a conta de luz têm capacidade arrecadatória maior e imediata. É igual ao combustível. Quando você compra gasolina, álcool ou diesel, é fácil de arrecadar. Mas, enfim, o governo terá que fazer uma opção.

A ex-presidente Dilma Rousseff tentou baixar a conta de luz na marra e o resultado foi desastroso...

Muito. A Dilma fez isso quando ainda era ministra das Minas e Energia, em 2012. Ela assinou a Medida Provisória 579 que era para diminuir a conta de energia elétrica, mas a situação piorou muito, especialmente para a Eletrobras. Depois disso, o Brasil passou por uma crise hídrica. De lá pra cá piorou muito, com o aumento dos impostos. Tudo isso ajudou a fechar as plantas de alumínio primário no Brasil.

Vocês têm intenção de levar alguma proposta para a nova equipe econômica em relação à indústria de alumínio?

Sim, já pedi. Estou esperando que o ministro de Minas e Energia defina a data. Vamos apresentar várias propostas, até porque a cadeia de alumínio é muito grande. Inclui desde a mineração da bauxita até a produção do produto final. Isso significa que são vários os elos da cadeia que a gente trata aqui.

Mas será uma proposta para cada elo da cadeia?

Quando a gente fala de mineração, sobre a produção da bauxita, a gente fala de

segurança de um ambiente regulatório e daquela velha dificuldade brasileira de conseguir licenças. Na mineração, as minas estão bastante concentradas na região Norte. Isso significa que a produção é maior em uma área com carência de infraestrutura logística. Tem que melhorar isso. Outro fator também é a oferta de gás. A matriz brasileira poderia ter uma oferta melhor de gás, abrindo a distribuição, por exemplo. Outra questão é o seguinte: o nosso alumínio é, se for comparado com as ofertas de outros países como a China, hoje o maior produtor de alumínio, uma das melhores pegadas de carbono do mundo. Indo mais adiante na cadeia, a gente tem a reciclagem. A reciclagem de alumínio é muito importante, 40% do consumo de alumínio no Brasil vem da reciclagem. Nessa questão, os problemas são tributários e fiscais. A guerra fiscal entre os estados inibe muito toda a reciclagem, e o tratamento da matéria-prima reciclada é o mesmo da primária. Não tem sentido tributar sucata e obrigar o mesmo material a pagar imposto duas vezes ou mais.

Existe uma bitributação, é isso?

Exatamente. E, finalmente, na parte de semiacabados, o problema é a falta de certificação. Isso faz com que o Brasil importe muita coisa ruim, especialmente da Ásia. As importações chegam com custo abaixo da matéria-prima. É preciso tratar de uma isonomia das importações.

Qual a sua expectativa em relação ao que pode ser concedido dentro de uma filosofia mais liberal do novo governo?

A rigor, se o governo for realmente liberal, não deveria fazer subsídios gerais. Isso afeta o funcionamento dos preços. Então, se o governo for liberal de verdade, a conta de luz pode cair uns 40%. Porque, na prática, os grandes consumidores estão subsidiados por todas essas grandes questões do sistema elétrico brasileiro, do ponto de vista de distribuição, do ponto de vista de subsídios para aquelas linhas que não são competitivas. Hoje o brasileiro paga mais caro na conta de luz para que a Eletrobras seja subsidiada. Essa é uma das questões que fazem a energia elétrica ser tão cara no Brasil.

O governo tem levantado a bandeira das privatizações. O que isso muda para o setor?

Tanto faz se é estatal ou privado. É mais importante regular do que privatizar. A privatização deveria melhorar a situação de todos, porque a lógica de privatizar é que a iniciativa privada seria mais eficiente que o Estado. Se não for isso, não tem sentido privatizar. Então, não é essa a questão. O que se espera é mais transparência e previsibilidade para atrair investimentos. Essa visão do governo de deixar a iniciativa privada entrar, para ter alternativas, acho muito saudável. Ao mesmo tempo, o processo tem que vir com uma economia competitiva. Pagamos taxa de importação de 6% a 12%. Então, nosso setor é protegido.

Deveria ser protegido?

Não deveria ser. O que a gente tem que ter é isonomia. Nos Estados Unidos e na Europa, há controle do que se importa. O Brasil deveria controlar. Controle no seguinte sentido: monitoramento das importações, análise se essas importações estão chegando ao Brasil com preços subsidiados, ou abaixo do custo. É isso que nós queremos.

Qual a expectativa em relação à abertura comercial brasileira e como a guerra comercial entre China e EUA afeta o setor?

Vamos ver o que vai acontecer. No setor de alumínio, a guerra comercial está fazendo os países se fecharem. Estados Unidos, Europa e China estão estabelecendo cotas. Então, é importante o Brasil abrir a economia para trazer inovação e maior competitividade. Agora, não sejamos ingênuos de achar que estamos numa situação de livre comércio no mundo. Não estamos. O mundo está se fechando, e o Brasil se abrindo. Isso é um risco. A gente precisa ter isso bem claro.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 23/01/2019

Seção: Negócios

Autor: Amauri Segalla

Título: Brasil será o maior produtor de biodiesel do mundo

MERCADO/SA

O Brasil está caminhando para se tornar o maior produtor de biodiesel do mundo, à frente dos Estados Unidos. Isso porque o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) deu sinal verde para o aumento da mistura do biodiesel ao diesel de petróleo. A proposta estabelece que a adição de biodiesel cresça um ponto percentual ao ano, passando do atual patamar de 10% para 11% em junho de 2019. O processo continua sucessivamente e a ampliação será realizada até março de 2023, quando o número chegará a 15%. De acordo com o CNPE, a estimativa é de que a produção do biodiesel brasileira passe de 5,4 bilhões de litros anuais para mais de 10 bilhões de litros entre 2018 e 2023. Isso representa um aumento de 85% da demanda doméstica. “É uma grande oportunidade para toda a cadeia de produção, como empresas de transporte, termelétricas e o pessoal do agronegócio”, diz Federico Sakson, responsável pela divisão de negócios de biodiesel da fabricante Camlin Fine Sciences.

Ouvidoria na energia solar

A Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica lançou serviço para denunciar as distribuidoras de energia que descumprem as regras e dificultam o acesso do consumidor à geração distribuída. A entidade criou uma ouvidoria online para que as empresas do setor possam relatar os problemas encontrados nas concessionárias. Entre as queixas mais frequentes estão atrasos na vistoria e homologação do sistema instalado e cobrança de valores excessivos nas obras para conexão à rede.

Rapidinhas

» O ano começou mal para a indústria brasileira do tabaco. Além de enfrentar o aumento do contrabando e as restrições da Anvisa para vender os cigarros eletrônicos, as empresas do setor estão em pé de guerra com as associações e sindicatos que representam os produtores rurais.

» Sem acordo sobre o reajuste do preço da matéria-prima, a Associação dos Fumicultores do Brasil, as federações de agricultura dos estados do Sul e as federações dos trabalhadores rurais decidiram suspender as negociações, ameaçando paralisar parte do fornecimento do tabaco às fábricas.

» Os números provam que 2018 foi o melhor ano da história da gaúcha Vinícola Garibaldi. A cooperativa registrou faturamento recorde de R\$ 155 milhões, avanço de 16% na comparação com 2017. Os resultados foram impulsionados pela venda de espumantes, que hoje já representam 32% do faturamento total da empresa. A meta agora é fechar 2019 com crescimento de 20%.

» Empresários chineses que controlam vários negócios na região da Rua 25 de Março, o mais famoso ponto de comércio popular de São Paulo, vão lançar uma espécie de manifesto para destacar que são “amigos do Brasil” e que geram “milhares de empregos” no país. A ideia veio depois que integrantes do governo Bolsonaro andaram criticando as relações comerciais com a China.

“Um líder deve ter maior resistência e capacidade de aceitar e abraçar o fracasso”

Jack Ma, fundador do Alibaba e homem mais rico da China

DAVOS 1

Futuro da Braskem em jogo

Em Davos, na Suíça, a primeira reunião do ministro Paulo Guedes (foto) foi com Jacques Algrain, presidente do conselho da Lyondell Basell. O encontro não foi apenas para a troca de cartões. A petroquímica holandesa está perto de comprar o controle da brasileira Braskem. Para isso, vai precisar do sinal verde da Petrobras, dona da segunda maior participação no capital da companhia brasileira. Se o negócio for fechado, a Lyondell Basell se tornará a maior produtora de polipropileno e polietileno do mundo.

DAVOS 2

Quem é mais forte: Ferrari ou Amazon?

Ranking divulgado pela consultoria Brand Finance durante o Fórum de Davos colocou a Ferrari no topo das empresas mais valiosas do mundo. O levantamento leva em consideração aspectos como investimento em marketing e desempenho do negócio. A Ferrari ganhou pontos com ações que reforçaram a presença em merchadising, além dos seus parques temáticos e o hotel Maranello Village. Quando o critério é valor de mercado, quem ocupa o primeiro posto é a americana Amazon, avaliada em US\$ 187,9 bilhões.

813.291**brasileiros**

investiram na bolsa de valores em 2018, ou 31% a mais do que no ano anterior. A retomada econômica e o otimismo com a agenda reformista do governo Bolsonaro devem atrair cada vez mais pessoas físicas para o mercado de ações

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 23/01/2019****Seção: Brasil****Autor: André Ramalho | Do Rio****Título: Confiança cresce no setor de óleo e gás e indica ambiente de negócios favorável**

O nível de confiança da indústria de óleo e gás atingiu seu recorde histórico no Brasil, o que tende a se refletir num ambiente mais favorável a investimentos e à retomada das contratações de pessoal no mercado a partir deste ano. Esta é a conclusão de um levantamento feito pela consultoria norueguesa DNV GL, que

mostra que em nenhum outro país a confiança do setor é tão expressiva quanto a no mercado brasileiro, hoje.

Enquanto o índice de confiança entre os líderes do setor de óleo e gás no Brasil saltou de 78% em 2018 para 93% em 2019, a média global cresceu de 63% para 76%. Foi o terceiro aumento consecutivo desse indicador, no país. Os dados são baseados em uma pesquisa global com cerca de 800 profissionais seniores da indústria - o que inclui petroleiras e fornecedoras.

"A subida dos preços do barril no mercado internacional [em 2018] foi preponderante para ao salto no nível de confiança da indústria no mundo. No Brasil, esse sentimento de confiança se desenvolve com o aumento dos compromissos de investimentos assumidos pelas empresas nos últimos leilões de áreas exploratórias", comenta o vice-presidente e gerente da DNV GL Oil & Gas para a América do Sul, Alex Imperial.

Durante um período de um ano, entre setembro de 2017 e setembro de 2018, o governo Michel Temer promoveu seis leilões. As principais petroleiras globais aproveitaram a janela de oportunidades para reforçar seus portfólios em águas profundas, sobretudo no pré-sal. Ao todo, 18 empresas diferentes pagaram R\$ 27,9 bilhões pela aquisição de 48 áreas marítimas nas rodadas de 2017 e 2018. Com isso, assumiram compromissos de investimentos mínimos em exploração da ordem de R\$ 4,5 bilhões.

Imperial destaca que existe uma tendência de crescimento dos níveis de confiança no Brasil nos últimos anos, em razão das mudanças regulatórias concretizadas, como o fim da operação única da Petrobras no regime de partilha do pré-sal.

"Houve num primeiro momento [em 2016] promessas de mudanças que foram se efetivando. Por fim, isso se refletiu nos níveis de investimentos nos leilões, sobretudo no pré-sal", afirmou.

Os números da DNV GL mostram, ainda, que as petroleiras estão mais propensas a investir e a contratar mais: 31% dos profissionais seniores no Brasil acreditam que suas empresas vão aumentar suas despesas de capital neste ano. Na pesquisa do ano passado, esse percentual era de 17%. Além disso, 40% dos líderes da indústria esperam aumentar o número de funcionários em 2019, no país - eram 10% em 2018.

"Mesmo diante da expectativa de preços mais baixos para o barril no cenário internacional, este ano, a Petrobras espera contratar novas plataformas. As petroleiras também assumiram compromissos nos leilões dos últimos dois anos. Além disso, a agenda do novo governo [Jair Bolsonaro] vai na direção de um

ambiente de negócios de maior previsibilidade. Hoje, em comparação com 2018, há muito menos incertezas políticas no país", explica Imperial.

O novo ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, já manifestou a intenção de manter o calendário de leilões. No fim do ano passado, o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) aprovou a 16ª Rodada de concessões e a 6ª Rodada de partilha do pré-sal para 2019. O CNPE também já deixou agendadas novas rodadas para 2020 e 2021.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/01/2019

Seção: Brasil

Autor: Daniel Rittner, Assis Moreira, Cristiane Agostine e Carolina Freitas | De Davos e São Paulo

Título: Bolsonaro defende ampliar abertura comercial do país

Em um discurso com menos de sete minutos, incomum para os padrões de chefes de Estado em Davos, o presidente Jair Bolsonaro afirmou ontem, na abertura do Fórum Econômico Mundial, que um dos pilares de seu governo será a abertura da economia ao comércio internacional. Ele disse que as relações exteriores serão "dinamizadas" e afirmou que o país tem credibilidade para fazer reformas "que o mundo espera", mas não citou a Previdência - tema aguardado pelo mercado financeiro.

"O Brasil ainda é uma economia relativamente fechada ao comércio internacional e mudar essa condição é um dos maiores compromissos desse governo", afirmou. "Estamos aqui porque queremos, além de aprofundar nossos laços de amizade, aprofundar nossas relações comerciais", disse. "Vamos resgatar nossos valores e abrir a economia."

O presidente usou uma parte pequena dos 30 minutos a que tinha direito para falar e não se aprofundou nos assuntos que mencionou. Bolsonaro disse que seu governo irá "resgatar valores", "governar pelo exemplo" e espera que "o mundo restabeleça a confiança" no país.

No texto lido com a ajuda de um teleprompter, o presidente disse que o Brasil vai se integrar ao mundo "por meio da incorporação das melhores práticas internacionais, como aquelas que são adotadas e promovidas pela OCDE [Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico]. Em seguida, defendeu a reforma da Organização Mundial do Comércio (OMC) para "eliminar práticas desleais de comércio e garantir segurança jurídica das trocas comerciais internacionais". Bolsonaro afirmou ainda que o ministro das Relações

Exteriores, Ernesto Araújo, vai "dinamizar" as relações internacionais e implementará uma política sem "viés ideológico".

Em um breve improviso, o presidente disse que "hoje em dia um precisa do outro". "O Brasil precisa de vocês, e vocês, com toda certeza, em parte, precisam do nosso querido Brasil". Bolsonaro, no entanto, preferiu ler o texto pronto.

"Gozamos de credibilidade para fazer as reformas de que precisamos e que o mundo espera de nós", afirmou. "Vamos diminuir a carga tributária, simplificar as normas, facilitando a vida de quem deseja produzir, empreender, investir e gerar empregos. Trabalharemos pela estabilidade macroeconômica, respeitando os contratos, privatizando e equilibrando as contas públicas", disse.

Com a falta de detalhamento das reformas que pretende fazer, Bolsonaro foi questionado pelo presidente do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab, sobre quais medidas concretas tomará para retomar a economia e quando irá implementá-las. Bolsonaro, novamente, esquivou-se durante a breve conversa com Schwab, de sete minutos. "Pretendemos diminuir o tamanho do Estado, fazer reformas como a da Previdência e a tributária", disse, em sua única menção pública à Previdência em Davos.

Na conversa, Bolsonaro defendeu novamente o fim do viés ideológico no comércio, mas fez uma ressalva ao dizer que o país manterá relações comerciais "com aqueles que comungam com práticas semelhantes à nossa". Bolsonaro disse que não quer uma "América bolivariana como há pouco existia no Brasil em governos anteriores". "A esquerda não prevalecerá nessa região, o que é muito bom não só para a América do Sul bem como no mundo", disse.

Além de citar o ministro das Relações Exteriores, Bolsonaro mencionou por duas vezes o ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, e disse que o ex-juiz será o responsável por combater a corrupção. O ministro da Economia, Paulo Guedes, foi lembrado em uma promessa do presidente. "Tenham certeza de que, até o final do meu mandato, nossa equipe econômica, liderada pelo ministro Paulo Guedes, nos colocará no ranking dos 50 melhores países para se fazer negócios."

Ao exaltar-se, Bolsonaro disse que "pela primeira vez no Brasil" um presidente montou uma equipe de ministros qualificados.

O presidente afirmou ainda que o país é o que "mais preserva o ambiente" e que "nenhum outro país do mundo tem tantas florestas como nós", defendendo, em seguida, a "compatibilização" entre desenvolvimento e preservação.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/01/2019

Seção: Brasil

Autor: Daniel Rittner e Assis Moreira | De Davos (Suíça)

Título: Discurso não entusiasma, e Nobel fala em "medo"

A elite global reunida em Davos reagiu de forma contida ao discurso do presidente Jair Bolsonaro no Fórum Econômico Mundial. Houve elogios às linhas gerais da abordagem, com promessas de abertura comercial e redução da carga tributária, mas também observações de que as ideias apresentadas ficaram sem aprofundamento. Para ilustrar a diferença entre expectativas e resultado: meia hora antes da fala de Bolsonaro, sinalizando o nível de interesse dos participantes do fórum, uma longa fila já se formava na entrada do Congress Hall, principal tribuna do evento; quando a sessão terminou, os aplausos foram só protocolares.

"Ele me dá medo", disse o economista americano Robert Shiller, vencedor do Nobel de Economia, ao sair do auditório após o discurso. "O Brasil é um grande país e merece alguém melhor."

Foi assim, sorrindo e conversando com algumas pessoas à sua volta, que ele definiu sua percepção sobre Bolsonaro. Questionado pelo **Valor** se a fala do presidente brasileiro não havia melhorado em nada suas impressões, Shiller primeiro até contemporizou: "O discurso foi uma bênção". Mas em seguida, antes de qualquer outra pergunta, emendou: "O discurso de [Donald] Trump no ano passado também".

Trump, segundo lembrou o Nobel de Economia, demonstrou sobriedade e se dirigiu aos investidores em Davos usando tom mais leve que o de costume. Defendeu mais comércio e investimentos nos Estados Unidos. "Eu vi um discurso de [Viktor] Orbán no ano passado, e ele também parecia razoável e moderado", comentou Shiller, em referência ao primeiro-ministro conservador da Hungria, acusado de xenofobia e um dos representantes mais ativos da direita europeia.

"Nós achamos que Bolsonaro tem uma grande chance de reformar o país. O julgamento, se ele é populista ou não é populista, isso não nos interessa tanto",

afirmara horas antes o presidente da multinacional italiana Enel, Francesco Starace.

Em entrevista à rede de TV CNBC, Starace mostrou-se animado com as perspectivas do Brasil. "Ele tem uma agenda de reformas que nós achamos ser boa para o país. Não esqueçamos que o Brasil é uma parte do mundo incrivelmente rica, o desenvolvimento do país é espantoso e nós achamos que o 'timing' dos nossos investimentos nos últimos anos foi tremendo", completou o presidente da empresa, que controla quatro distribuidoras de energia elétrica: Eletropaulo (SP), Celg (GO), Ampla (RJ) e Coelce (CE).

O que ficou claro para investidores de todo o mundo, conforme apontou um banqueiro brasileiro, foi o recado de que o novo governo tem uma concepção liberal da economia e aprecia um Estado mais enxuto. "Ele foi bem direto e é boa a forma de falar sobre temas importantes para o setor privado, como a reforma tributária", comentou o gerente-geral da gigante japonesa Marubeni, concordando que faltaram alguns detalhes sobre os planos.

Nariman Behraves, economista-chefe da consultoria IHS Markit, uma das mais prestigiadas do mundo, disse que inicialmente lhe chamou a atenção o tempo do discurso: menos de sete minutos - incomum para as sessões plenárias de Davos. "No entanto, durante esses minutos, ele foi bastante claro em que perseguirá uma agenda pró-mercado, incluindo redução da carga de impostos, desregulamentação e combate à corrupção. Foi um pouco decepcionante não ter sido mais específico em alguns pontos, mas certamente as metas gerais são muito encorajadoras."

De fato, como a sessão duraria 30 minutos e os suíços seguem à risca o relógio, Klaus Schwab, fundador do fórum, fez quatro perguntas - mais do que o habitual aos chefes de Estado ou de governo em Davos - e pareceu estranhar o tempo disponível.

"Foi uma mensagem sobre as suas prioridades. O Brasil está aberto aos negócios e está ajeitando a casa para que haja mais oportunidades de crescimento", afirmou o economista Ricardo Hausmann, diretor do Centro para o Desenvolvimento Internacional da Universidade de Harvard.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/01/2019

Seção: Brasil

Autor: Assis Moreira | De Davos

Título: 'Por ora', país vai se manter no Acordo de Paris

O presidente Jair Bolsonaro declarou ontem à noite que o Brasil ficará "por ora" no Acordo de Paris. Ele respondeu ao **Valor** ao sair de um jantar oferecido pelo fundador do Fórum de Davos, Klaus Schwab, com presença de vários empresários que pareciam otimistas sobre o que ouviram.

Fontes disseram que Bolsonaro foi genérico, e as próprias perguntas, também, com os participantes mais interessados na direção que o governo vai tomar.

O "por ora" de Bolsonaro ao acordo, segundo alta fonte brasileira, significa que o Brasil certamente vai cobrar dos países desenvolvidos que assumam concretamente sua responsabilidade no combate a mudança climática. Significa, por exemplo, que os países desenvolvidos cumpram o compromisso de fornecer mais de US\$ 100 bilhões para a transição nos países em desenvolvimento para uma economia menos carbonizada.

Pelos termos negociados, nenhum país pode deixar o Acordo de Paris antes de novembro de 2020, como o **Valor** mostrou na edição de ontem, na coluna de Daniela Chiaretti.

No jantar num elegante hotel, outro tema que Bolsonaro reiterou foi o da abertura comercial. Fontes do governo explicam que o compromisso de Bolsonaro com o presidente argentino, Mauricio Macri, foi de negociação do Mercosul com a União Europeia. Ou seja, vai insistir na negociação entre os blocos. Hoje haverá reunião entre Mercosul e UE, em Davos.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/01/2019

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito, André Ramalho e Nelson Niero | Do Rio e de São Paulo

Título: Novo conselho da Petrobras terá especialista em TI

O governo Bolsonaro surpreendeu o setor petrolífero e a própria Petrobras com a indicação de Nivio Ziviani, especialista em tecnologia da informação, para o lugar no conselho de administração que seria originalmente de um geólogo com longa experiência no mercado de óleo e gás, John Forman, ex-diretor da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Com a indicação, o novo governo consolida o movimento de transformação do perfil do conselho da estatal, marcado nos últimos anos pela presença de especialistas em governança, para um grupo multidisciplinar, em linha com os desafios atuais da indústria petrolífera mundial.

Ziviani foi indicado depois que Forman desistiu da vaga, por causa do desgaste provocado por uma condenação na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) por uso de informação privilegiada na negociação de ações. O ex-diretor da ANP recorreu da decisão à Justiça.

Ziviani é professor emérito do departamento de ciência da computação da UFMG. Seu currículo no site da universidade diz que suas pesquisas giram em torno de algoritmos, recuperação de informação e aprendizado de máquina. Ele é cofundador e diretor de pesquisa da Kunumi, uma startup de inteligência artificial, além de membro titular da Academia Brasileira de Ciências.

A indicação é uma novidade para uma empresa da velha economia, que o economista Roberto Campos costumava chamar de "Petrossauro". Ziviani é acadêmico e empreendedor, uma combinação rara no Brasil. Ele criou a empresa de busca na internet Akwan, vendida em 2005 para o Google. Em entrevista ao **Valor** em junho de 2015, ele disse que usa "o chapéu de um pesquisador de sucesso, que transforma conhecimento em produto e serviço".

Para o diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires, a indicação de Ziviani cria referências de interdisciplinaridade e modernização ao principal órgão deliberativo da petroleira. "A entrada de Ziviani cria uma noção de interdisciplinaridade não só para o conselho, mas para a companhia toda, o que poderá acelerar o processo de digitalização", afirmou o especialista.

A indicação foi bem recebida pelo próprio conselho da companhia, segundo o **Valor** apurou, principalmente pelo currículo e a experiência de Ziviani. De acordo com a Petrobras, a indicação é consistente com a ênfase à tecnologia da informação no processo de mudança transformacional para a maximização da geração de valor para os acionistas e o Brasil.

A provável confirmação de Ziviani no cargo ajuda a mudar o perfil do conselho da Petrobras, que era fortemente baseado em governança, auditoria e conformidade, como reflexo do trabalho de recuperação da companhia após o esquema de corrupção revelado pela Operação Lava-Jato.

O conselho que encerrou o ano passado tinha dois especialistas em governança e auditoria (Nelson Carvalho, presidente do conselho, e Francisco Petros), três nomes ligados ao mercado financeiro (Sônia Villalobos, Marcelo Mesquita e Ivan Monteiro, presidente da estatal), um contador (Jerônimo Antunes) e um especialista em direito e administração (Durval Santos). Completavam o colegiado uma especialista da área de óleo e gás (Ana Zambelli), outra de sustentabilidade (Clarissa Lins) e um pesquisador na área de fontes renováveis (Segen Estefen).

Agora, considerando a atual composição do conselho e os nomes indicados pela União, o colegiado será formado por um militar (o almirante Eduardo Leal Ferreira), um especialista em petroquímica e telecomunicações (João Cox), um especialista em tecnologia da informação (Ziviani), um economista (Roberto Castello Branco, novo presidente-executivo) e um técnico na área de refino (Danilo Silva, representante dos funcionários).

Além dos novos nomes, permanecem no colegiado um contador, dois nomes do mercado financeiro, um especialista em óleo e gás, um em sustentabilidade e um em fontes renováveis.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/01/2019

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

Minério de ferro cai

O minério de ferro negociado no porto chinês de Qingdao caiu 1,48% ontem, para US\$ 74,78 a tonelada, segundo a "Metal Bulletin". O índice leva em conta o produto com 62% de ferro. Mesmo com a queda de ontem, a commodity acumula valorização de 2,82% em janeiro. No mercado futuro, os contratos do minério para maio caíram 1,31% em Dalian, para 526 yuans a tonelada.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/01/2019

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

Reajuste da Enel Ceará

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) indicou ontem aumento médio de 11,62% no custo da energia fornecida pela distribuidora Enel Ceará. O índice preliminar foi divulgado na aprovação da abertura de audiência pública sobre a revisão tarifária periódica da companhia. A Enel Ceará supre 3,5 milhões de unidades consumidoras localizadas em 184 municípios cearenses. Os cálculos da revisão periódica serão discutidos com o setor entre hoje e 11 de março. Os consumidores residenciais e de pequenos comércios (baixa tensão) contaram com a sinalização de aumento de 11,39% nas contas de luz. Já os grandes

consumidores, indústria e grandes estabelecimentos comerciais (alta tensão), teriam a alta 12,23% na tarifa se esse fosse o índice definitivo.

Supergasbras muda

Julio Cardoso será o novo presidente da Supergasbras, distribuidora brasileira de gás liquefeito de petróleo (GLP) controlada pela holandesa SHV Energy. Cardoso substituirá Massih Niazi, recém-nomeado presidente da divisão de suprimentos e riscos do grupo, baseada em Paris. Formado em Administração de Empresas, com MBA em Finanças e em Controladoria, o executivo está há 29 anos na Supergasbras, 19 dos quais na diretoria da empresa. Nesse período, acompanhou a fusão da Supergasbras e Minasgás, em 2004, e atuou no combate à revenda ilegal, participando do programa "Gás Legal", desenvolvido pelo Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Gás Liquefeito de Petróleo (Sindigás) e a ANP. Nos últimos cinco anos, Cardoso esteve à frente da diretoria nacional de negócios da Supergasbras e foi responsável pelo investimento na área de inovação.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/01/2019

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Rocha | De São Paulo

Título: Preço do aço fica sob pressão com dólar mais baixo

Após um ano de aumento de preço, beneficiado pelo maior consumo e pela desvalorização do real ante o dólar, o setor de siderurgia agora acompanha o câmbio de olho na possibilidade de uma redução de preços para se proteger das importações.

Atualmente, os aços planos - placas, chapas e laminados - fabricados no Brasil são negociados com um prêmio de aproximadamente 15% em relação ao produto importado. "Se o dólar cair para R\$ 3,60, o prêmio sobe de 15% para 20%, daí as usinas vão ter que baixar o preço", afirmou Carlos Jorge Loureiro, presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda), durante coletiva sobre os números do setor em 2018.

O atual prêmio leva em conta a moeda americana no patamar dos R\$ 3,75. "As usinas estão preocupadas com o dólar, se cair mais abre espaço para importação", disse.

Aços planos fabricados em usinas no Brasil são negociados com um prêmio de 15% em relação aos importados

Durante o ano passado, o setor fez reajustes que resultaram numa elevação entre 25% e 28% nos preços dos produtos. No início de 2019, o aumento de aproximadamente 25% também foi repassado para os contratos anuais com o setor automotivo.

As vendas de aços planos caíram 17,3% no mês de dezembro, para 188,6 mil toneladas, na comparação anual, os números são da rede associada ao Inda. Em relação a novembro, a queda foi de 28,1%.

Loureiro atribuiu o recuo às férias coletivas mais longas no último mês de dezembro e à expectativa de uma reversão no cenário de reajustes de preço. No acumulado do ano, as vendas de aço da rede subiram 4,2%, para 3,09 milhões de toneladas, ante 2017.

As compras recuaram 10,9% em dezembro, para 196,9 mil toneladas, em relação a dezembro de 2017. Ante novembro, o recuo foi de 27,1%. Para o ano todo, as compras subiram 5,4%, para 3,13 milhões de toneladas.

Os estoques fecharam dezembro em 939,4 mil toneladas, alta de 0,9% ante novembro. O giro dos estoques fechou o ano em 5 meses.

As importações encerraram dezembro com alta de 13,7%, para 94,8 mil toneladas, em base anual. Em relação a novembro, a alta foi de 5,6%. Apesar da alta em dezembro, as importações de aços planos caíram 1,6% no acumulado de 12 meses, para 1,22 milhão de toneladas.

Por país, o principal vendedor de aço para o Brasil foi a China, com 724,6 mil toneladas, que representou 59% do total. O segundo maior vendedor foi a Áustria, com 205,1 mil toneladas, principalmente devido às importações de chapas grossas.

Sobre as perspectivas para 2019, a entidade afirmou que projeta crescimento de 40% nas compras e vendas em janeiro, na comparação com dezembro de 2018. "Para este mês, esperamos que as compras e vendas retomem o patamar de novembro", disse o presidente do Inda.

Em base anual, entretanto, as vendas de janeiro devem cair 7%. Segundo Loureiro, o recuo se dá também pelo bom desempenho do setor nos três primeiros meses do ano passado. "Embora a gente esteja prevendo para o ano um crescimento de 10% vamos começar o primeiro trimestre negativos, porque os primeiros meses do ano passado foram muito bons."

A expectativa de avanço de 10% para 2019 leva em conta um cenário de crescimento do PIB brasileiro perto dos 3%.

Na segunda-feira, o Instituto Aço Brasil - que reúne as siderúrgicas no país - informou números semelhantes para o ano e para o mês de dezembro. O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos foi de 20,6 milhões de toneladas em 2018, alta de 7,3% em base anual. As vendas internas foram de 18,3 milhões de toneladas de janeiro a dezembro de 2018, um crescimento de 8,2%.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/01/2019

Seção: Empresas

Autor: Francisco Góes e Paula Selmi | Do Rio e de São Paulo

Título: BHP aprova mais US\$ 515 mi para Samarco

A mineradora anglo-australiana BHP Billiton anunciou ontem que aprovou US\$ 515 milhões adicionais para apoiar a Samarco e a Fundação Renova em 2019. Desse total, US\$ 438 milhões serão destinados à Fundação Renova até 31 de dezembro deste ano. A fundação é a responsável por ações de reparação e de compensação do acidente com a barragem de Fundão da Samarco, em 5 de novembro de 2015. A BHP reservou ainda US\$ 77 milhões para disponibilizar para a própria Samarco até 30 de junho deste ano. Os números constam das demonstrações contábeis da BHP encerradas no ano fiscal de 31 de dezembro de 2018.

O **Valor** apurou que a Vale também deve anunciar provisão para a Fundação Renova e a Samarco na divulgação dos resultados do quarto trimestre de 2018, a serem anunciados em 13 de fevereiro. O montante a ser reservado pela Vale não precisa ser necessariamente o mesmo do realizado pela BHP. Mas as duas companhias, que controlam a Samarco meio a meio, têm acordo segundo o qual todo aporte feito por uma será completado em igual valor pela outra. Significa que os gastos com a Fundação Renova e a Samarco serão compartilhados de forma idêntica entre as duas mineradoras.

Os montantes financeiros provisionados por Vale e BHP vão sendo liberados de forma gradual à medida em que a Fundação Renova executa seus projetos e de acordo com as necessidades de caixa da Samarco, que está parada desde o acidente, há mais de três anos, mas tem custos fixos, incluindo a manutenção das áreas operacionais.

Procurada para falar do seu orçamento para este ano, a Fundação Renova disse que não iria se pronunciar. Em dezembro de 2018, em encontro com investidores, em Nova York, a Vale previu que a Samarco possa voltar a funcionar em 2020, retomando as operações, inicialmente, com um terço de sua capacidade original. Existe ainda a expectativa de que até 2023 Vale e BHP parem de injetar dinheiro na Samarco pois a empresa deverá voltar a gerar caixa suficiente para andar com as próprias pernas.

Nas demonstrações contábeis de 30 de junho de 2018, a Vale já havia reconhecido uma provisão adicional de R\$ 1,5 bilhão. O montante representou à época o valor presente das estimativas da responsabilidade "secundária" da companhia no suporte aos trabalhos da Fundação Renova, e foram equivalentes a 50% das obrigações adicionais da Samarco pelos próximos 12 anos.

No segundo trimestre de 2016, havia sido feita uma provisão inicial de R\$ 3,7 bilhões, com base nas "melhores estimativas" de custo dos 42 programas a serem implementados pela Fundação Renova, de acordo com o primeiro acordo com as autoridades governamentais, de março de 2016, segundo informou a Vale em julho de 2018. Segundo a mineradora disse na época, depois da implementação da fundação, em junho de 2016, e depois de avanços no desenvolvimento e execução dos programas, as estimativas foram revisadas e os dispêndios atualizados.

MME / ASCOM .